

FAITS ET DITS DE NASREDDIN

FEITOS E DITOS DE NASREDDIN

(1993)

Argumento e realização: Pierre-Marie GOULET / **1ª Assist. Real.:** Teresa GARCIA / **Fotografia:** Jean César CHIABAUT, Paco WISER / **Som:** Antoine BONFANTI, René LEVERT / **Decores:** Jeanne WALTZ / **Guarda-Roupa:** Posie GOULET / **Montagem:** Pascale CHAVANCE, Chris TULIO-ATLAN / **Misturas:** Antoine BONFANTI / **Música:** Kudsi ERGÜNER

Produção: Les Films de l'Estran - La Sept/Arte - Arcadia (França)

Interpretação: Jean-Pierre SENTIER (Nasreddin), Teresa GARCIA (Elif, mulher de Nasreddin) e Claude DUNETON, Bernard MEULIEN, Thierry de FROIDCOURT, Lucien GOURONG, Mouloud BELAIDI, Pierre MANIEZ (habitantes da aldeia)

Formato de rodagem: 35 m/m, Côm, 1:66 / **Formato de difusão:** Beta Digital
Duração total 80 mn (25 episódios de 1 à 7 mn)
Duração total dos quinze episódios apresentados: 42 minutos

Nasreddin Hodja é o "herói" de centenas de histórias onde o sorriso é provocado pela sua aparente ingenuidade e pela sua capacidade de alterar radicalmente a lógica a que estamos habituados. Nasreddin ocupa nelas múltiplas posições sociais cadi (juiz), imam (condutor de crentes), khatib (pregador na mesquita) por vezes sem qualquer actividade, passando o seu tempo no café da aldeia ou trabalhando na sua horta e quando os tempos são mais difíceis não hesitando em roubar o seu vizinho.

Nasreddin é uma das figuras mais populares do Próximo e do Médio Oriente, das Balcãs, mas encontram-se histórias idênticas na Índia, na China, na África do Norte, na Arménia, na Grécia etc... Muitos países tentaram reivindicar a sua origem.

Para lá das suas hipotéticas origens geográficas, históricas e culturais, estas histórias têm uma ressonância universal que se manifesta bem pela quantidade de países em que elas se expandiram. Elas têm em comum proceder a uma deslocação do "ponto de vista" que estilhaça a nossa maneira estabelecida de ver as coisas, as pessoas e a relação entre elas e o mundo. Para lá do sorriso que podem suscitar, elas têm infinitas ressonâncias. Sobre as ruínas duma ordem destruída pode nascer um outro olhar.

Seria no entanto nefasto tentar fazer uma aproximação "didáctica" ou pretensamente "profunda" do conteúdo destas histórias e de querer a todo custo fazê-las revelar a sua

sabedoria. Seria fechá-las numa gaiola demasiado estreita, pois o mais fundo da sua sabedoria não se deixa enclausurar. Estas histórias são portadoras de uma riqueza maior que a que revela o equivalente à "moral de uma fábula".

Por isso, é preciso deixar-nos levar simplesmente, ingenuamente, pelo sorriso que elas podem suscitar em nós. O resto fara o seu caminho....

Notas técnicas: Até ao último momento, tentei obter uma cópia de qualidade razoável. Infelizmente não foi possível chegar a tempo o material original. Portanto vai ser exibida uma cópia vídeo que não faz justiça ao trabalho nomeadamente da equipa de imagem. Disso peço desculpa ao director da fotografia, aos espectadores desta sessão e à Cinemateca Portuguesa esperando que em breve será possível apresentar a totalidade das histórias numa cópia de qualidade.

Pierre-Marie Goulet

(texto escrito para distribuição na sessão de ante-estreia do filme, na Cinemateca, em 8 de Outubro de 2004)

ENCONTROS

(2006)

Realização Pierre-Marie Goulet / **com a colaboração** de Teresa Garcia / **Director de fotografia:** Bruno Flament / **Som:** Francis Bonfanti / **Montagem:** Pierre-Marie Goulet / Montagem som: Tiago João Silva / Misturas: Joaquim Pinto / **Comentário** (Poema original): Sérgio Godinho / **com:** Virgínia Maria Dias, Agostinho Brissos Pereira, Mighela Cesari, Mighela Rafaelli, Nicole Casalonga, Jérôme Casalonga, Nando Acquaviva, Carlos Guerreiro, José Manuel David, Rui Vaz, Paulo Rocha, os habitantes do Furadouro que entraram em "Mudar de Vida", familiares e amigos, Manuel António Pina, José Mário Branco.

Co-produção: Costa do Castelo Filmes - Athanor (Portugal) - Zarafa Films (França) / **Produtor:** Paulo Trancoso / **Cópia:** Beta Digital, Cor/Preto, Stereo / **Duração:** 105 minutos / **Estreia Mundial:** 7 de Julho de 2006 no 17e FID Marseille (Festival International du Documentaire de Marseille - Prémio do Melhor Som)

*Diz-se que, na morte, se vem sempre de longe,
ao encontro de alguma coisa.
Reencarnamos no reconhecimento de uma voz,
e qualquer voz longínqua nos traz a certeza familiar
de não termos estado nunca sozinhos.
Porque nos reconhecemos nos bancos de jardim
onde nunca estivemos sentados.
Porque a lembrança que se extingue,
é na memória que perdura.
Que mistério de memória é essa,
a da vida que, rasurando,
escreve de novo o que não deixa de sentir?*

Sérgio Godinho
Poema original para "Encontros"

Depois de acabar Polifonias, filme dedicado a Michel Giacometti, nasceu o desejo de não deixar perder tudo o que me tinha sido oferecido ao longo da rodagem e que não tinha utilizado na montagem final, cantos, narrativas, poemas que foram gravados e que a sua memória arriscava perder-se se não fossem integrados num novo projecto. Sabê-los esquecidos numa caixa, não me agradava nada.

Havia também o desejo de percorrer alguns dos caminhos que me tinham sido indicados durante esse tempo : a vinda de António Reis (na altura poeta e não ainda cineasta) ao Alentejo, à aldeia de Peroguarda, onde Michel Giacometti, em conformidade com o seu desejo, será enterrado, e outros que queria percorrer, aproximar-me por exemplo do filme de Paulo Rocha, Mudar de Vida, que me fascinava nomeadamente pela inscrição e interacção entre a história que é contada e o fim das campanhas do Furadouro. Daí

nasceu o início do projecto de "Encontros" que procurava segundo o texto inicial « circunscrever a presença de uma tribo sonora, musical e poética, humana, uma tribo analógica e surpreendente cujo território não corresponde a nenhum território geograficamente conhecido »

A preparação e depois a rodagem fizeram com que, o que deveria ser uma articulação fosse tornando autónomo. Da "continuação" de "Polifonias", "Encontros" tornou-se um filme completamente independente, mesmo se se encontram diversas personagens e lugares do filme precedente, a tal ponto que a matéria recolhida na altura de "Polifonias" (talvez ainda demasiado "fresca") não encontrou o seu lugar na montagem final.

Da rodagem de "Polifonias" apenas restam em "Encontros" dois ou três minutos : dois planos de paisagem e o fragmento de um canto corso. (Encontrar uma forma de não perder o que foi recolhido durante a rodagem de "Polifonias" fica portanto um trabalho ainda a fazer!)

Pouco a pouco foi-se definindo o que subterraneamente constituía uma das facetas de Encontros: o eco de um passado, de um tempo que chegou ao fim, de uma cultura que se apaga, mas um eco onde ressoam invocações. Não se tratava de lamentar um desaparecimento, nem de um regresso nostálgico ao passado, nem mesmo de trazer para o presente fragmentos do passado mas, a partir da memória, dar lugar ao que está vivo. É aí que o filme, tem para mim uma estranha relação com o tempo. Misturam-se ou confrontam-se diferentes tempos "históricos", a cronologia perde o seu sentido, as datas não têm verdadeiramente nenhuma importância. O passado já não ocupa o lugar que lhe é normalmente atribuído.

Este território e este tempo estranho deixam todo o espaço, espero, àqueles que o povoam: Virginia Dias, Mighela Cesari e Mighele Rafaelli, Paulo Rocha, Manuel António Pina, Nicole Casalonga, José Mario Branco..., espaço ainda para aqueles que o habitam com a sua voz: António Joaquim Lança, Sérgio Godinho e, embora não o não vejamos nunca, talvez por isso ainda mais presente, a do poeta António Reis.

Este filme é dedicado a Antoine Bonfanti que acompanhou todos os meus filmes desde há muitos anos. O seu desaparecimento fez-me reexaminar o trabalho sobre o som e nomeadamente as misturas. No entanto o trabalho de misturas com Joaquim Pinto, acompanhado de Tiago Silva, sobre os sons gravados por Francis Bonfanti dissipou todos os meus receios (e valeu ao filme o prémio do melhor som no Festival de Marselha).

Pierre-Marie Goulet

(texto escrito para distribuição na sessão de ante-estreia do filme, na Cinemateca, em 12 de Setembro de 2006)

O ÚLTIMO PORTO – ALÉM DAS PONTES

(2019)

Realização: Pierre-Marie Goulet / **Director de Fotografia | Operador de Câmara:** Galahad Goulet / **1ª Assistente de Realização:** Teresa Garcia / **2ª Assistente de Realização (Mértola):** Rossana Torres / **1º Assistente de Imagem | Video Assist:** Nail O’Byrne / **Fotógrafo de Cena:** António Cunha / **Chefe Maquinista:** David Valente / **Assistente Maquinista:** Rui Pereira / **Director de Som:** Alexandre Abrard / **Director de Som | Perchista:** Dumnac Goulet / **Montagem:** Pierre-Marie Goulet / **Pós-Produção Som/ Mistura:** Hugo Leitão / **Correcção de Cor:** Andreia Bertini / **Música:** Kudsi Erguner, Nezih Uzel / **Texto:** Sérgio Godinho / **Poemas:** Virgínia Dias / **Com:** Kudsi Erguner, Virgínia Dias, Manuela Barros Ferreira, Cláudio Torres, Margarida Pamplona Leite, Nezih Uzel.

Uma Produção: Duplacena (Portugal) / **Uma Co-Produção:** Aum Éditions (França) / **Produtor:** António Câmara Manuel / **Directora de Produção | Chefe de Produção:** Helena Baptista (Nicha) / **Estúdio de Pos-Produção:** Walla Collective / Filme com o apoio do ICA – Instituto do Cinema e Audiovisual e da RTP – Rádio Televisão Portuguesa / **Cópia:** DCP, cor, legendas em português, 87 minutos.

Ao percorrer o Alentejo desde os anos 90, encontrei frequentemente o sabor dos meus antigos percursos pela Anatólia há mais de 20 anos e, ao atravessar o Tejo, vinham-me sempre à memória as travessias do Bósforo no final dos anos 60. Reminiscências visuais em primeiro lugar, a extensão da planície alentejana fazia surgir as imagens das longas travessias na Anatólia e a minha descoberta de Lisboa, ao entrar pelo sul, ao atravessar a ponte sobre o Tejo, evocava em mim as imagens que guardava do Bósforo e das colinas de Istambul, cidade de sete colinas também ela.

Esse sentimento nunca se dissipou e até se reforçou com o tempo, com as travessias do Tejo em cacilheiros, que evocavam para mim as travessias de barco no Bósforo, única forma na altura de chegar á outra margem.

Mais tarde, o meu encontro com a poesia popular e com o canto do Alentejo reforçaram ainda o desejo de ligar o que foram dois momentos chaves da minha existência; o meu encontro com a música dos sufis turcos e com a cultura à qual ela pertencia e sobretudo, o encontro e convivência com os homens que a praticavam e, vinte anos mais tarde, pela intercessão de Michel Giacometti, o meu encontro com a poesia popular e o canto do Alentejo e também aí o encontro com homens e mulheres, autores dessas poesias e cantores dessas melodias.

Tejo, Bósforo... Anatólia, Alentejo. *A priori*, nada liga estes lugares, não existe nenhuma ponte entre as culturas portuguesa e turca, nem sequer otomana e luso-árabe. Esta

aparente ausência de ligação histórica é ao mesmo tempo uma dificuldade e uma sorte para *O Último Porto*. Dificuldade porque os pontos de apoio históricos e factuais nos escapam e não nos permitem estruturar um projecto com pontos de referência históricos sobre os quais nos apoiarmos. Sorte, porque esta ausência de laços evidentes conduz-nos a uma outra abordagem, deixando de fora as temáticas de invasões, guerras, colonização, reconquista, para se centrar no encontro de pessoas oriundas de mundos aparentemente tão distantes – embora irrigados no passado pelas mesmas fontes, pelo mesmo Oriente – fazendo surgir assim o que liga esses mundos mais profunda e subterraneamente, evocando também a permanência secreta e silenciosa da cultura muçulmana na cultura portuguesa. É por vezes quando esquecemos os incidentes de percursos históricos que as coisas que permaneciam silenciosas se põem a falar.

Filme de encontros, **O Último Porto**, inscreve-se na continuidade dos meus dois filmes anteriores, **Encontros** (2006) e **Polifonias - Paci è Saluta, Michel Giacometti** (1996), formando com eles uma espécie de tríptico. Ao propor um encontro entre as culturas portuguesa e turca, este projecto reencontra também os filmes que realizei nos anos 70, dois filmes que tinham por tema as cerimónias sufis das confrarias na Turquia: **Mevlevi** (1970) e **Djerrahi** (1978).

É portanto um músico turco que participou nestes filmes que é um dos nossos intercessores. Kudsi Erguner desenvolveu um diálogo com outras culturas musicais mas também com outras formas da cultura ocidental, trabalhando com personalidades como Peter Gabriel, Peter Brook, Robert Wilson, Maurice Béjart, Carolyn Carlson, Martin Scorsese sem nada perder do que o liga às suas origens.

Descobrir a poesia de Virgínia Dias, ou ainda os vestígios da presença muçulmana com Cláudio Torres em Mértola, mas também os lugares imbuídos de memória como a falésia da costa vicentina onde se encontraria o ribat (tekke) de Ibn Qasi, o rei sufi de Mértola, levá-los-á a evocar a vida das confrarias sufis hoje desaparecidas, a poesia e a música turca, as suas ligações com a música árabe.

Ouvir o som do ney, a flauta dos juncos turcos tão apreciada pelos sufis, elevar-se sobre a planície alentejana ou acompanhar um poema de Virgínia Dias pode levar-nos a interrogarmo-nos sobre os universos humanos e culturais que interagem, além das fronteiras do espaço e do tempo e sobre em que medida a memória, o olhar do outro e as partilhas nos enriquecem.

Pierre-Marie Goulet

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
OS FILHOS DE LUMIÈRE – CINEMA CEM ANOS DE JUVENTUDE
16 de Abril de 2009

O ENCONTRO / 2008
PERDUTS / 2008
CARLA / 2008
FORA DE CAMPO / 2008
SANS ISSUE / 2008
FRAGMENTS CAFÉ / 2008
A INFÂNCIA PERDIDA / 2008

Uma selecção de filmes realizados por alunos de escolas portuguesas, espanholas e francesas no âmbito do programa pedagógico Le Cinéma, Cent ans de Jeunesse

Cópias em DVCAM, coloridas, faladas em português, castelhano, catalão e francês, com legendas em português /
Duração total: 66 minutos.

A questão central do ponto de vista:

Para outra abordagem pedagógica

“A questão do ponto de vista é essencial e central para compreender o cinema de maneira ampla e aberta, tanto do lado do acto de criação como do da análise crítica.

Ela está implicada ao mesmo tempo na abordagem formal dos filmes, na do lugar do espectador no filme e na da ética do realizador em relação ao seu tema, às suas personagens e ao seu espectador. Imagino mal uma pedagogia de cinema responsável que não faça disto uma das suas prioridades e das suas peças chave.

É sem dúvida a questão que trabalha mais a totalidade das fases de criação de um filme. Em cada momento deste processo de criação específico, o cineasta deve fazer escolhas, relativas ao ponto de vista, decisivas para o futuro do filme e a sua relação com o futuro espectador.

Desde a escrita do argumento, há forçosamente uma escolha de ponto de vista na maneira como vai ser contada a história. Vamos trabalhar toda a história ficando o mais perto possível de uma só personagem, como se todos os acontecimentos fossem contados relativamente ao que ele, e só ele, pode sentir? Ou pelo contrário vamos contar a história a partir de pontos de vista múltiplos, autorizando-nos a seguir, conforme as cenas, as diferentes personagens da ficção? Vamos desviar durante o filme do ponto de vista de uma personagem (que parecia até aí ser o elemento central do ponto de vista do filme) ao de outra personagem, como em Vertigo de Hitchcock ou em El de Bunuel?

No momento da planificação e da rodagem, a questão do ponto de vista põe-se em termos de escolhas muito concretas. Para pensar a planificação (quer seja antes ou no momento da rodagem), vai ser preciso decidir antes de rodar uma cena, quais os eixos em que ela vai ser filmada. Como se vão articular os pontos de vista das diferentes personagens entre elas nos diferentes planos dessa cena. Dessa articulação, entre este ou aquele eixo, vai depender em parte a identificação do espectador com uma ou outra das personagens da cena.

No momento da rodagem, o cineasta vai ter que decidir em cada plano, sem escapatória possível um ponto de vista e um único. Esse ponto de vista é determinado pelo lugar e eixo da câmara, a escolha da distância da câmara às figuras filmadas, a escolha da objectiva, a posição da câmara relativamente às figuras presentes na cena, e também, mais discretamente pela luz, a utilização da imagem focada ou desfocada, etc. Ao mesmo tempo, o cineasta vai ter que escolher para esse plano um ponto de vista sonoro que não é forçosamente determinado pelo ponto de vista da imagem e que pode pelo contrário entrar em dialéctica com ele: a um plano

aberto na imagem pode corresponder um grande plano sonoro, por exemplo. Ou ainda: a uma imagem centrada num personagem pode corresponder a centralização de um ponto de vista sonoro sobre outra personagem”.

Este texto introduz o ponto de vista no DVD intitulado O Ponto de Vista (Colecção Eden Cinéma) construído por Alain Bergala para abordar este tema a partir de fragmentos de 43 filmes de realizadores tão diferentes como: Godard, Pasolini, Fritz Lang, Hitchcock, Wim Wenders, A. Kiarostami, Jean Renoir, Antonioni, Lucas Belvaux, Luís Bunuel, Bergman, Mizogushi etc, e que serviu de base a todo o trabalho realizado ao longo do ano lectivo pelos 25 grupos de França, Espanha e Portugal que participaram em 2007/2008 no programa pedagógico “Cinema, cem anos de juventude”.

Quando em 2006, Nathalie Bourgeois, que dirige o serviço pedagógico da Cinemateca Francesa, convidou pela nossa mão a associação cultural Os Filhos de Lumière, a participar no seu programa pedagógico Cinema, Cent ans de Jeunesse, com escolas portuguesas, a partir do ano lectivo 2006/2007, percebemos desde logo que o convite era irrecusável, mas estávamos longe de ter consciência da dimensão da sua singularidade e da sua eficácia no descoberta da linguagem cinematográfica e do cinema como arte.

Este dispositivo iniciado em 1995, na celebração dos cem anos do cinema, deu origem ao filme Les Jeunes Lumières – uma selecção de 60 filmes de um minuto, realizados por crianças e jovens do ensino básico e secundário estreado no Festival de Cannes e apresentado em diversos festivais e cinematecas de todo o mundo – que revelou a todos os que nele participaram e muitos dos seus espectadores - que havia ali algo de essencial sobre a aprendizagem do cinema que passava pela experimentação e pela emoção do gesto cinematográfico.

- Foi a apresentação desse filme na Cinemateca Portuguesa em 1996 a que assistimos como espectadores, que despoletou em nós o desejo de desenvolver este trabalho com crianças e jovens, que nos levou a fundar a associação cultural Os Filhos de Lumière (em 2000), a realizar a sua oficina fundadora O Primeiro Olhar (em várias regiões do país desde 2001) e a participar agora (desde há três anos) neste programa pedagógico que irriga todos os outros em que estamos envolvidos.

Foi a partir desse começo forte e dessa experiência que Nathalie Bourgeois e Alain Bergala em conjunto com diversos parceiros em toda a França criaram o dispositivo “Le Cinema, cent ans de jeunesse” que introduziram no meio escolar, com alguns pontos de partida determinantes:

- Orientação do curso por cineastas em conjunto com professores ao longo do ano.

- A escolha de um tema anual que permita abordar o cinema pela lado da criação.

- A criação de materiais pedagógicos escolhidos para analisar e aprofundar o tema em questão

(Textos e DVDs com uma criteriosa escolha de fragmentos de filmes de diferentes realizadores e das grandes obras de cinema)

- A “pedagogia do fragmento” que consiste em analisar os fragmentos de filmes do ponto de vista da criação cinematográfica abordando a singularidade de cada realizador relativamente ao tema em trabalho.

- A aprendizagem do cinema através da experimentação. Todos os jovens envolvidos neste dispositivo fazem desde o início do ano exercícios individuais filmados, para abordar o tema, que lhes permite desde logo descobrir tal como em

“Les Jeunes Lumière”, a emoção do gesto cinematográfico. No final do ano lectivo todos os grupos participantes fazem um filme colectivo a partir dos mesmos pressupostos.

- Por último e não menos importante, os três encontros anuais na Cinemateca Francesa: o primeiro, em Outubro, que reúne cineastas, professores, parceiros culturais em torno do tema escolhido onde são lançadas as pistas pedagógicas a trabalhar ao longo do ano (orientada por Alain Bergala mas a partir de um estudo e pesquisa sobre o tema em que todos participam), e onde são apresentadas as propostas de exercícios. O segundo encontro em Março reúne em Paris os mesmos participantes para apresentar e analisar os trabalhos realizados pelos alunos até essa data e as diferentes abordagens de trabalho.

O terceiro encontro decorre no final do ano lectivo em Junho e reúne todos os participantes incluindo três alunos de cada grupo/turma que se deslocam a Paris para apresentar o filme-ensaio, filme colectivo onde todos participam, representando assim todos os seus colegas.

Este é um momento fundamental de partilha, de descoberta, de encontro, de balanço também.

Esta fase marca ainda o início do trabalho para o próximo ano lectivo no caso dos cineastas-intervenientes, professores e coordenadores deste projecto (é lançado o tema para o próximo ano lectivo que irá dar início ao trabalho de pesquisa para uma nova abordagem).

A abertura deste programa a outros países europeus: em 2005/2006 com Cinema en Curs em Espanha, em 2006/2007 com os Filhos de Lumière em Portugal e em 2008/2009 com a Cineteca de Roma, em Itália, faz parte da vontade dos seus coordenadores de não o fechar numa fórmula já conhecida mas de o questionar continuamente, com outras experiências, outras abordagens, outros olhares, procurando dinamizá-lo e estimulá-lo (logo após o primeiro ano da nossa participação os coordenadores consideraram que a entrada de Espanha e de Portugal tinham trazido um novo fôlego a este dispositivo).

“Penso cada vez mais que é preciso imperativamente que um dispositivo pedagógico de vanguarda como o Cinema, cem anos de juventude vá experimentando continuamente, ano após ano, novas tácticas e novas estratégias pedagógicas para renovar o élan nos dispositivos que têm a seu cargo a gestão de massas mais pesadas de turmas ou estabelecimentos escolares no território nacional.

Sem vanguarda, qualquer dispositivo « pesado » corre o risco de sufocar sob o peso e a inércia do quantitativo. “
(Alain Bergala)

É um pouco dessa experiência que procuramos mostrar nesta sessão com a apresentação dos três filmes portugueses (dois em Serpa e um em Lisboa) que nós orientamos com a ajuda de outros profissionais de cinema, e de filmes franceses e espanhóis que integram o mesmo dispositivo.

Gostaríamos de passar algo sobre a experiência e um trabalho que obriga todos a um desafio permanente, não só aos alunos que fazem os filmes mas também aos cineastas e professores que os acompanham. Todos estão ao mesmo nível e todos aprendem com a experiência.

Depois de uma primeira fase em que os alunos imaginam, pensam, inventam, escrevem e preparam, vem uma outra fase que implica um dos aspectos mais importantes da criação: a rodagem, onde é preciso trabalhar em equipa e todos respirarem ao mesmo ritmo, onde é preciso escolher bem o lugar da câmara (o ponto de vista) e todo o trabalho de composição, movimentação, entradas e saídas de campo etc e para além disso ter os sentidos bem despertos para tudo o que lhes reserva aquele momento preciso, aquele lugar, aquela luz, aquela pessoa ou aquele animal que vai passar em campo naquele momento, o som daquele pássaro ou daquele cão, os risos daquelas crianças que não vemos mas que de repente existem ali etc, todo um imponderável de momentos mágicos e breves que é preciso estar pronto a receber ou a

ir buscar. É raro um miúdo que não sinta este ritual, esta extrema atenção, esta abertura num determinado momento do seu filme, ou apenas no plano único de que é responsável, sem sentir uma grande emoção.

Sobre os filmes desta sessão:

“Todos os alunos seguiram as mesmas regras do jogo para abordar e compreender a questão que lhes foi proposta: o ponto de vista no cinema.

Para apreender esta noção fundamental, todos trabalharam numa primeira fase a partir de fragmentos de filmes que analisaram na escola. Numa segunda fase, realizaram curtos exercícios que experimentavam pontos de vista objectivos ou subjectivos, visuais ou sonoros, centrados ou não sobre a acção principal...

Enfim, para os filmes-ensaio (filmes finais) cada turma dirigiu o trajecto de ida de duas personagens a um lugar familiar para um encontro e o trajecto de regresso de uma das duas personagens que se confrontou (nesse encontro) com uma situação perturbante.

Na apresentação final, descobrimos filmes onde a perturbação e a inquietude se encarnavam no trabalho dos actores, mas também na luz e na forte presença das paisagens: desde os campos de trigo portugueses aos ambientes urbanos e nocturnos da Catalunha, o vento e a chuva abatendo-se sobre Evreux ou sobre Marselha...

Para lá da questão do ponto de vista, os alunos confrontaram-se com muitas outras questões de cinema : como filmar uma paisagem, captar uma luz e criar a atmosfera de uma cena, encarnar as personagens e dirigir os actores, encontrar o bom ritmo na montagem, etc.”

Excerto do texto de Nathalie Bourgeois sobre a apresentação dos filmes na Cinemateca Francesa em Junho de 2008

Sabemos bem que os resultados mais importantes não são os filmes que aqui apresentamos, mas sim o que ficou com toda a experiência ao longo do ano em cada criança ou jovem que nela participou: desde os primeiros exercícios, ao projecto de escrita, à realização, direcção, representação das personagens, trabalho técnico e artístico na imagem, no som, na montagem, sonorização, etc.

Este dispositivo leva sem qualquer dúvida as crianças a tocar em campos fundamentais da criação de cinema e são, a atenção e sensibilidade relativamente aos diferentes campos artísticos, a sua familiaridade com as grandes obras cinematográficas, o seu contacto com os outros e consigo próprio através do cinema, e tudo o que lhe ficou da sua experiência de criação, alguns dos resultados mais importantes deste programa pedagógico de que estes filmes poderão dar uma pequena imagem.

Teresa Garcia e Pierre-Marie Goulet

PROGRAMA O ANO DA COR

OS FILHOS DE LUMIÈRE – CINEMA, 100 ANOS DE JUVENTUDE

O RAPAZ DA BICICLETA / Portugal, 2009, 12 min

OS FLAMINGOS / Portugal, 2009, 11 min

LA FUITE ENCHANTÉE / França, 2009, 8 min

EPISODI RACISTI / Itália, 2009, 4 min

O PINTOR E A MUSA / Portugal, 2009, 11 min

TU, GRAN... I JO ? / Espanha, 2009, 7 min

QUEM TE ENSINOU ESTE CAMINHO? / Portugal, 2009, 10 min

Acompanhados por cineastas e professores, alunos de diferentes idades, oriundos de diferentes regiões em Portugal, França, Espanha e Itália, realizaram pequenos filmes com as mesmas regras do jogo, sobre a questão da cor no cinema. Segundo o alinhamento acima descrito, os filmes foram realizados por alunos das Escola Secundária de Serpa (8º ano), Escola de Ensino Básico José Afonso de Alhos Vedras/Moita (7º ano), École Juliot Curie B à Lvrly-Sur-Seine (Académie de Créteil, Classe de CE1), Istituto Técnico Commerciale Statale (Ostia, Classe 3ª F), Escola Secundária Passos Manuel (Lisboa, 8º ano), Sant Pere de Ribes, Garraf (5ª. 6ª e 1r de Batxillerat), e Escola Secundária de Serpa (Clube de Cinema).

com a presença de Teresa Garcia e Pierre-Marie Goulet, representantes de Os Filhos de Lumière Associação Cultural

projecção seguida de conversa com os participantes portugueses que darão conta da sua experiência neste dispositivo

O ANO DA COR

O programa pedagógico "Cinema cem anos de juventude", coordenado pelo departamento pedagógico da Cinemateca Francesa, reúne realizadores e técnicos de cinema, com professores das escolas participantes e com estruturas colectivas (associações culturais, cinematecas, salas de cinema), preocupados com a educação ao cinema e o desejo de partilhar uma experiência e uma reflexão sobre esta arte. Este dispositivo, criado em França por ocasião do centenário do cinema, mantendo uma forte vertente experimental e de vanguarda, alargou-se em 2005 a Espanha, em 2006 a Portugal, em 2008 a Itália e, a partir de 2009, integra também a Inglaterra.

A Associação os Filhos de Lumière é a estrutura que coordena e implanta este programa em Portugal - em parceria com a Cinemateca Portuguesa - participando em 2009/2010 pela quarta vez consecutiva, actualmente com três turmas do ensino básico (um 7º, um 8º e um 9º ano) e um Clube de Cinema, em três escolas: Escola Secundária de Serpa (desde 2006), Escola Secundária Passos Manuel, Lisboa (desde 2007), Escola de Ensino Básico José

Afonso em Alhos Vedras, Moita (desde 2008).

No ano lectivo 2008/2009, nos quatro países europeus, participaram 26 grupos. Todos os alunos seguiram as mesmas regras do jogo para abordar e compreender a questão que lhes era proposta para esse ano: a cor no cinema. Para apreender esta noção fundamental, trabalharam num primeiro momento a partir de fragmentos de filmes que analisaram na escola e, num segundo momento, nos exercícios propostos e em que todos participaram: "Observa à tua volta os elementos naturais, o céu, a erva, a terra, as especiarias, ou ainda as matérias (tecidos, pinturas), as luzes, (sinais, reflexos), os objectos manufacturados, as sinaléticas... etc".

Por último, todos os grupos participantes fizeram um filme-ensaio que foi apresentado na Cinemateca Francesa em Paris no final do ano lectivo com a presença de pelo menos três alunos a representar cada grupo.

"De Grenoble a Barcelona, de Paris a Roma e a Lisboa, os bombons, os balões, as mochilas, os fatos de desporto, trocas de casacos, livros escolhidos pelas capas aparecem nas histórias. Foi um ano onde, claramente, o trabalho sobre a sensação primou sobre a narração. Em muito dos filmes, as formas e os contornos esbateram-se para dar lugar a uma abordagem abstracta só da cor, a um trabalho plástico sobre o desfocado, o encoberto, o movimento na sua relação com a velocidade... Mas colocar a questão da cor era também dar continuidade ao caminho iniciado nos anos anteriores (em particular os anos sobre a luz e sobre a relação entre a figura e o fundo). Tratava-se de dar a perceber e a experimentar aos alunos que a emoção, no cinema, não provém unicamente dos diálogos e da representação do actor. De enriquecer a sua expressão cinematográfica. No final, muito poucos diálogos nos filmes deste ano, mas a presença de sons e de músicas associadas às cores "interiores", mentais, das personagens, dos seus sentimentos. Os pequenos ensaios que descobrimos, durante os dias de projecção na Cinemateca Francesa, testemunham uma grande atenção à tonalidade do filme no seu conjunto, às roupas, aos décors e, em geral, uma grande atenção ao mundo" (Nathalie Bourgeois, *in* Brochura Doc's Kingdom 2009).

São esses filmes-ensaio, realizados pelos alunos das escolas participantes em Serpa, Lisboa e Moita, mas também de outras regiões de França, Espanha e Itália que aqui serão apresentados.

Todos estes alunos se confrontaram com várias questões de cinema para além da questão da cor: como filmar uma paisagem, um lugar, captar a luz ou o som e criar a atmosfera de uma cena, encarnar as personagens e dirigir actores, encontrar o bom ritmo para a montagem etc.

Teresa Garcia - Pierre-Marie Goulet

QUINZE ANOS DE EXPERIENCIA

Desde 1995, tive a oportunidade de participar em muitos encontros, colóquios, jornadas de reflexão e balanços de experiências de todo o género em matéria de pedagogia e de transmissão do cinema. Em nenhuma parte ainda encontrei uma experiência tão completa e exemplar como a que é conduzida nos ateliers do *Cinema, cent ans de Jeunesse* (*Cinema, Cem anos de Juventude*).

Há para isso três grandes razões, que constituem as três grandes forças deste projecto.

A primeira é o seu valor de universalidade.

Nós procuramos sempre que as turmas que constituem o dispositivo sejam o mais variadas possível: Geograficamente, sociologicamente e nas idades. As turmas participantes tocam todas as faixas etárias (desde os mais pequenos da escola primária aos mais velhos dos liceus), todos os meios sociais (desde os bairros considerados críticos aos grandes liceus de tradição clássica), e de zonas e meios culturais cada vez mais alargados (de Paris a Martigues passando por Strasbourg e Perpignan) aos quais se juntaram desde há alguns anos Espanha, Portugal e, este ano, Itália. Sendo o cinema uma arte imediatamente sensível a todas as diferenças (de paisagens, de climas, de luz, de línguas, de ritmos e de modos de vida) os filmes visionados no final do ano são de cada vez a expressão desta variedade e de todas estas diferenças. É o que torna exemplar e generalizável o projecto de *Cinéma, cent ans de jeunesse*: a sua capacidade de fazer partilhar as regras do jogo que, longe de uniformizar os resultados, permitem cultivar o cinema como uma arte das *nuances* e das diferenças.

A segunda, é o sério envolvimento de todos os que, em cada ano, tornam esta experiência ao mesmo tempo diferente e sempre nova.

Uma pequena comunidade foi-se constituindo ao longo dos anos, em torno de convicções comuns e do prazer renovado de partilhar uma experiência conseguida de transmissão diferente sobre um objecto, o cinema, que todos partilham com afectividade. Espaço de encontro e de formação entre os professores e os profissionais de cinema, o *Cinéma, cent ans de jeunesse* / *Cinema, cem anos de juventude*, propõe um enquadramento teórico e estratégico suficientemente rigoroso para ser tranquilizador e suficientemente leve para que cada um se aproprie em função da situação local que é a sua. O triângulo alunos - professor - profissional de cinema tem em si virtudes pouco comuns que nos permitem avaliar em cada ano o potencial de enriquecimento recíproco e a sua eficácia pedagógica. Os valores que se cruzam no seio deste triângulo dão à escola uma dimensão de alteridade sempre nova e divertida, salutar e cheia de surpresas. Os participantes são formados através dessa experiência e dessa partilha tanto quanto os que eles supostamente estão a formar. Este é um dos critérios mais seguros de uma pedagogia verdadeiramente viva: que transforma tanto os adultos que a prodigalizam como os jovens que tiram dela benefício.

A terceira, é o rigor do seu método.

A pedagogia do cinema está cheia de armadilhas e de enganos de todos os géneros : a política da finalidade filme (que se mede pelo nível de aplausos), a instrumentalização do cinema a um puro querer-dizer, a demagogia da criação falsamente colectiva, e não digo outras bem piores...

A pedagogia do nosso dispositivo tem o mérito, indiscutível, de ter encontrado um equilíbrio entre a abordagem do cinema como linguagem e a do cinema como arte do sensível, um equilíbrio entre o ver e o fazer. Entre a reflexão e a imaginação criadora, entre o individual e o colectivo.

A escolha de um tema de reflexão anual, como o da cor este ano, permite a todos os participantes de se colocar as mesmas interrogações, de trabalhar os mesmos excertos de filmes (escolhidos em toda a história do cinema), e de poder dialogar à distância durante todo o ano. Longe de ser um freio à criatividade, os exercícios comuns e as regras do jogo iniciais permitem pelo contrário aos alunos de dar largas à sua imaginação centrando a sua atenção sobre um aspecto do cinema que releva ao mesmo tempo uma experiência do sensível, íntima, e de escolhas técnicas e de linguagem. A cor está em primeiro na sua vida e no seu envolvimento e releva ao mesmo tempo do gosto individual de cada um e dos códigos sociais.

Fazer um filme, é fazer escolhas precisas sobre a forma como se vai escolher, enquadrar, iluminar aquelas cores para criar sentido e emoção. A particularidade de uma pedagogia do cinema como arte é precisamente a de conjugar o sentido e o sensível, a linguagem do cinema e a emoção. As estratégias pedagógicas partilhadas por todos os participantes de *Cinema, cem anos de juventude*, são determinadas por este duplo objectivo do qual medimos, em cada encontro de fim de ano, que foi muitas vezes atingido de uma maneira que ultrapassou as nossas esperanças.

O tema deste ano – a cor no cinema – ter-nos-á permitido contribuir na prática à reflexão sobre o lugar do cinema na História das artes, que nós antecipamos desde há anos trabalhando os parâmetros escolhidos (a luz, a relação figura-fundo, etc) comparando o seu tratamento cinematográfico com o das outras artes : pintura, fotografia, escultura, obras plásticas contemporâneas.

O *Cinema, cem anos de juventude* teve desde a sua origem a ambição de ser uma vanguarda exigente em matéria de iniciação ao cinema. Mas uma vanguarda só tem sentido, em matéria de educação, se a sua experiência puder abrir pistas úteis para os outros, se os seus métodos puderem ser praticados por outros, noutras circunstâncias. Eu inspirei-me pessoalmente muito, tanto para o meu trabalho no Ministério da Educação (nomeadamente para pensar os cursos APAC e para a colecção de Eden Cinéma) como para as minhas intervenções noutros países (Alemanha, Finlândia, Itália, Brasil etc...) onde projectos de educação ao cinema começam a emergir. Utensílios saídos desta paciente procura poderiam ajudar a divulgar a filosofia e os métodos desta experiência, agora de quinze anos, de forma a que outros ganhem confiança e descubram aí matéria para os ajudar a lançar-se na sua própria experiência.

Alain Bergala

(Em Maio passado na celebração dos 15 anos deste programa pedagógico)

Alain Bergala foi, com Nathalie Bourgeois (responsável pelo departamento pedagógico da Cinemateca Francesa), um dos fundadores deste dispositivo pedagógico, e até hoje um dos seus principais coordenadores. É cineasta, foi chefe de redacção dos Cahiers de Cinema, é professor de cinema na FEMIS, na Universidade III, autor de livros sobre cinema e sobre realizadores que marcaram a sua história. Foi o conselheiro para o cinema de Jack Lang, quando este foi ministro da educação no ano 2000, tendo sido encarregado de elaborar um projecto de cinema no quadro do Plano de Cinco Anos para introduzir as artes no ensino básico das escolas de todo o país (renovado por mais cinco anos em 2005). Responsável da colecção EDEN Cinema, editada pela CNDP (Centre National de Documentation Pédagogique du Ministère de l'Éducation).

É autor do livro « L'Hypothèse Cinema – pequeno tratado sobre a transmissão do cinema dentro e fora da escola », obra editada pelos Cahiers de Cinema em 2002, que foi traduzida no Brasil, Alemanha, Finlândia, Espanha, Itália etc. e de muitas outras obras sobre o cinema (em livro, em filme, exposições etc.)

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
CINEMA, CEM ANOS DE JUVENTUDE
OS FILHOS DE LUMIÈRE
2 de Dezembro de 2010

VISION / 2010
L'AMISTAD / 2010
OS ACORDES DA MUDANÇA / 2010
BREAKERS / 2010
O PAVÃO / 2010
SIGNES / 2010
PORQUE ? / 2010
AINDA AMO AS ROSAS / 2010

VISION – 2'26" London Nautical School, Londres (Grã Bretanha) Year 8
L'AMISTAD – 11'09" Institut Fort Pius, Barcelona (Espanha)
OS ACORDES DA MUDANÇA – 10' Escola Secundária de Serpa (Portugal) 7º ano
BREAKERS – 9'04" I.S. Arte Calcagnadoro, Rieti (Italia) classe IV (niv 2º)
O PAVÃO – 9'49" Escola Básica José Afonso, Moita (Portugal) 8º ano
SIGNES – 5'27" Collège Claude Debussy, Aulney-Sous-Bois Académie de Creteil (França) 4-3
PORQUE? – 10'44" Escola Secundária Passos Manuel, Lisboa (Portugal) 9º ano
AINDA AMO AS ROSAS – 7'47" Escola Secundária de Serpa (Clube de cinema)

Cópia : DVCAM, cor, com legendas em francês e em português, 67 minutos.

Projecção seguida de conversa com os participantes portugueses do projecto «Cinema, Cem Anos de Juventude», que darão conta da sua experiência neste dispositivo

Porquê mexer a câmara?

Uma questão que mais de 500 crianças e adolescentes se colocaram no ano lectivo 2009/2010, realizando pequenos filmes-ensaio em França, em Espanha, em Portugal, em Itália e na Grã- Bretanha.

"Cinema cem anos de juventude" é um programa de iniciação ao cinema, coordenado pelo departamento pedagógico da Cinemateca Francesa, que reúne realizadores e técnicos de cinema, com professores e com responsáveis de estruturas colectivas (associações culturais, cinematecas, salas de cinema), preocupados com a sensibilização ao cinema e com o desejo de partilhar uma experiência e uma reflexão sobre esta arte.

Este dispositivo que mantém uma forte vertente experimental e de vanguarda, foi criado em França por ocasião do centenário do cinema, e alargou-se em 2005 a Espanha, em 2006 a Portugal, em 2008 a Itália e em 2009 á Inglaterra.

A Associação os Filhos de Lumière é a estrutura que coordena e implanta este programa em Portugal - em parceria com a Cinemateca Portuguesa - participando em 2010/2011 pela quinta vez consecutiva, actualmente em Serpa (com dois grupos de alunos), na Vidigueira, em Lisboa, em Alhos Vedros e na Baixa da Banheira.

No ano lectivo 2009/2010, participaram neste programa 28 turmas nos cinco países envolvidos. Todos os alunos seguiram as mesmas regras do jogo para abordar e compreender a questão que lhes era proposta para esse ano: « Porquê mexer a câmara? ». Para apreender esta noção fundamental, trabalharam num primeiro momento a partir de fragmentos de filmes que analisaram na escola (função narrativa, descritiva, emocional, rítmica etc).

Num segundo momento, fizeram os exercícios propostos em que todos participaram: Filmar um elemento fixo num plano fixo – um elemento em movimento com um movimento de câmara – um elemento em movimento num plano fixo. De seguida foi trabalhada a montagem entre as várias situações.

Numa terceira fase realizaram exercícios mais complexos onde a câmara se relacionava com uma personagem: seguindo, acompanhando, precedendo, abandonando etc.

Por último todos os grupos envolvidos fizeram um filme-ensaio com as mesmas regras do jogo para os participantes dos cinco países: Os filmes comportam uma súbita tomada de consciência de uma personagem. Devem começar por um ou dois movimentos de câmara com uma função descritiva (sobre um local ou sobre figuras) correspondendo a um olhar subjectivo ou não. No momento em que a personagem se apercebe de algo (tomada de consciência) está sózinha no plano e fica imóvel: o movimento de câmara exprime então toda a força da sua emoção. Num momento do filme a câmara deixa a personagem e descentra-se sobre o local onde ela se encontra e que a envolve. Na montagem é trabalhada a questão do ritmo para criar emoção (associação de planos fixos e em movimento, modificação de ritmo etc).

Trata-se de dar a perceber e a experimentar aos alunos que a emoção, no cinema, não provém unicamente dos diálogos e da representação do actor. De os fazer olhar em torno de si através da matéria do cinema. De enriquecer a sua expressão cinematográfica.

Os pequenos filmes ensaio apresentados nos dias da apresentação final na Cinemateca Francesa, testemunham uma grande atenção a tudo o que compõe um filme, desde os décors às roupas, da representação dos actores ao trabalho de iluminação, dos enquadramentos ao trabalho de movimento de câmara, como produtor de sentido, respondendo a uma emoção, a um percurso, a um descentramento.

São esses filmes-ensaio, realizados pelos alunos das escolas participantes em Serpa, Lisboa e Moita, mas também de outras regiões de França, Espanha, Itália e Inglaterra que serão apresentados nesta sessão.

Relembramos o que diz um dos fundadores deste dispositivo, Alain Bergala, no texto que escreveu pela celebração dos 15 anos deste programa em 2009, (publicado integralmente na Folha da Cinemateca de 3 de Dezembro de 2009).

« Sendo o cinema uma arte imediatamente sensível a todas as diferenças (de paisagens, de climas, de luz, de línguas, de ritmos e de modos de vida) os filmes visionados no final do ano são de cada vez a expressão desta variedade e de todas estas diferenças.

É o que torna exemplar e generalizável o projecto de *Cinéma, cent ans de jeunesse* : a sua capacidade de fazer partilhar as regras do jogo que, longe de uniformizar os resultados, permitem cultivar o cinema como uma arte das *nuances* e das diferenças ». (...)

« Fazer um filme, é fazer escolhas precisas sobre a forma como se vai escolher, enquadrar, iluminar aquelas cores para criar sentido e emoção. A particularidade de uma pedagogia do cinema como arte é precisamente a de conjugar o sentido e o sensível, a linguagem do cinema e a emoção. As estratégias pedagógicas partilhadas por todos os participantes de *Cinema, cem anos de juventude*, são determinadas por este duplo objectivo do qual medimos, em cada encontro de fim de ano, que foi muitas vezes atingido de uma maneira que ultrapassou as nossas esperanças. »

Alain Bergala foi, com Nathalie Bourgeois (responsável do departamento pedagógico da Cinemateca Francesa), um dos fundadores deste dispositivo pedagógico, e até hoje um dos seus principais orientadores. É cineasta, foi chefe de redacção dos Cahiers de Cinema, é professor de cinema na FEMIS, na Universidade III, autor de livros sobre cinema e sobre realizadores que marcaram a sua história. Foi o conselheiro para o cinema de Jack Lang, quando este foi ministro da educação no ano 2000, tendo sido encarregado de elaborar um projecto de cinema no quadro do Plano de Cinco Anos para introduzir as artes no ensino básico das escolas de todo o país (renovado por mais cinco anos em 2005). Responsável da colecção EDEN Cinema, editada pela CNDP (Centre Nacional de Documentation Pédagogique du Ministère de l'Éducation).

É autor do livro « L'Hypothèse Cinema – pequeno tratado sobre a transmissão do cinema dentro e fora da escola », obra editada pelos Cahiers de Cinema em 2002, que foi traduzida no Brasil, Alemanha, Finlândia, Espanha, Itália etc.

Autor da exposição « Brune/Blonde » até 16 de Janeiro de 2011 na Cinemateca Francesa.

Algumas pistas pedagógicas :

A câmara, instrumento de uma relação com o mundo

Pensar um plano é pensar no décor, nas personagens, no trabalho dos actores, na luz que virá esculpir os corpos e o espaço, sublinhando a simetria ou pelo contrário organizando-o em zonas de sombra e de luz etc. Todas estas operações são pensadas em função de uma operação chave : o confronto de uma câmara com um espaço e os corpos que o ocupam. Quando o cineasta utiliza a câmara, toma um certo numero de decisões, intervém sobre um conjunto de parâmetros. Pode orientar a câmara para cima (contrapicado) ou para baixo (picado). Pode deixar a câmara imóvel durante toda a duração de um plano, obtendo então um « plano fixo », mas pode também escolher mexer a câmara.

Distinguimos então dois tipos de movimento : o *travelling* e a *panorâmica*. O travelling é um movimento de deslocação da câmara ((fala-se de travelling á frente,

travelling atrás, ou lateral) que pode ser efectuado sobre carris, ou sobre um veículo sobre rodas. A panorâmica é um movimento de rotação da câmara em torno de um eixo vertical (a câmara varre então horizontalmente o espaço da esquerda para a direita ou da direita para a esquerda) ou horizontal (a câmara inclina-se então de cima para baixo ou inversamente). São ainda identificáveis pelo espectador outros movimentos de câmara sem necessitar de documentação sobre a rodagem : os planos em câmara à mão que reconhecemos pela instabilidade do enquadramento que daí resulta, e os planos feitos com « steadycam », câmara equipada com um complexo sistema de suspensão que amortece os choques, oferece uma grande liberdade de deslocação ao operador de câmara, e confere aos movimentos de câmara uma grand efluidez. (...)

O visível e a sua interpretação

Quando descrevemos um plano e falamos de zoom atrás, ou de travelling á frente ou de ligeiro contrapicado, estamos a fazer uma coisa muito particular : estamos a descrever uma imagem referindo-nos a uma coisa que não está na imagem, *que não vemos* : a câmara, o aparelho que filma.

Para aquele que vai filmar um plano esta escolha é perfeitamente legítima : mais do que a própria imagem, pode ser importante descrever a forma como a imagem pode ser obtida. De facto não é verdadeiramente uma escolha : seria difícil descrever a complexa tradução visual de um movimento de câmara se não pudessemos pura e simplesmente nomear o que o suscita.

De qualquer forma a descrição de um plano é reveladora da dupla relação que estabelecemos com o seu conteúdo. Tanto descrevemos o que vemos : o décor, as personagens, as suas posições relativas e deslocações, as roupas que trazem, a forma como são iluminados, ou ainda o que fica focado e desfocado na imagem, a profundidade de campo... como, para dar conta do que vemos falamos de travelling, de panorâmica ou zoom. quer dizer da câmara. O que nesse caso descrevemos já não é a imagem mas a interpretação que o nosso cérebro faz dos complexos elementos visuais divididos numa superfície plana em termos de *ponto de vista sobre um espaço em profundidade*.

Dito de outra forma, ao olhar um plano não somente vemos o que foi filmado, mas, como escreve Pasolini (1), nós « sentimos » a câmara ou mais abstractamente, uma instância que organiza o visível, se confronta com ele, o interpreta (como o faz um músico), manifesta-se nele e inteiramente *por* ele. O que nos toca num plano, o que devemos tentar descrever, aquilo a que devemos ser sensíveis não é só o que ele nos dá a ver directamente, o que é encenado, mas a manifestação de uma tensão entre o visível e a instância que organiza a sua visibilidade (uma instância que antecipa, se desvia, insiste, acompanha, espera, hesita, reúne ou separa, precisa, desfaz etc).

Emmanuel Siety in « Le Plan » (ed. Cahiers du Cinéma)

(1) « Le cinema de poésie », L'expérience heretique, langue et cinéma, Payot, Paris).

Teresa Garcia, Pierre-Marie Goulet

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
CINEMA, CEM ANOS DE JUVENTUDE - OS FILHOS DE LUMIÈRE
5 de Janeiro de 2012

AS CICATRIZES DO CORAÇÃO /2011
ESCAPADA (A ESCAPADELA) / 2011
UMA NOVA AMIZADE / 2011
LE PETIT CACHOTIER (SEGREDINHOS) / 2011
RESGATE / 2011
O OUTRO LADO / 2011
LIAN XU / 2011
A CASSETE / 2011
O DIÁRIO / 2011

AS CICATRIZES DO CORAÇÃO – 7', Escola Secundária de Serpa (Serpa/ Portugal)
ESCAPADA (A ESCAPADELA) – 9' 27", Escola Els Xiprers (Valldoreix/ Espanha)
UMA NOVA AMIZADE – 7', Escola Secundária Baixa da Banheira (Vale da Amoreira, Moita/ Portugal)
LE PETIT CACHOTIER (SEGREDINHOS) – 8' 07", École Juliot Curie B (Ivry sur Seine/ França)
O RESGATE – 8', Escola Municipal Ribadavia Correia (Rio de Janeiro/Brasil)
O OUTRO LADO – 9', Escola Profissional Fialho de Almeida, Vidigueira (Portugal)
LIAN XU – 9', Escola Secundária Passos Manuel (Lisboa/Portugal)
A CASSETE – 11', Biblioteca Municipal Abade Correia da Serra, Serpa (Serpa/Portugal)
O DIÁRIO – 8', Escola E.B. José Afonso, (Alhos Vedros, Moita/Portugal)

Cópia: DVCAM, cor, com legendas em francês e em português / **Duração:** 77 minutos.

Projeção seguida de conversa com os participantes portugueses do projecto "Cinema, Cem Anos da Juventude", que darão conta da sua experiência neste dispositivo.

O que se mostra e o que se esconde no cinema?

Foi este o tema que levou mais de 500 crianças e adolescentes de seis países a reflectir e a descobrir o cinema através de um forte e constante contacto com esta arte ao longo do ano.

Viram e analisaram filmes de diferentes realizadores através deste ponto de vista. **Moonfleet**, de Fritz Lang, com todos os seus segredos, obscuridades e revelações, foi o filme chave para trabalhar este tema, e que todos os participantes das várias escolas viram em grande écran na Cinemateca Portuguesa.

Experimentaram individualmente, através de exercícios filmados simples, o que é o campo e o fora de campo, o espaço *in* e *off*, a escolher algo que se quer filmar como escolha própria, a decidir onde colocar a câmara para mostrar o que se quer filmar de uma determinada maneira. A compor uma imagem, a pensar na importância da luz, do que se quer deixar na sombra ou na luz, a dirigir um actor, a mostrar uma pessoa através de diferentes pontos de vista (que caracterizam a pessoa), a ouvir, a pensar no som e no que ele pode acrescentar à imagem. Abrir o espaço visível, reinventar o espaço, ligar os planos, trabalhar o ritmo, criar sentidos através da ordem dos planos, etc.

Em Portugal, no ano lectivo 2010-2011, participaram neste projecto seis grupos em cinco escolas e uma biblioteca municipal, duas na região da Moita, duas em Serpa, uma na Vidigueira e uma em Lisboa. Os filmes finais de todas os participantes neste programa devem conter como regra do jogo dois segredos. Um deles não é revelado.

Orientados por cineastas em colaboração com professores, estes alunos foram levados a abordar o cinema de uma forma, por um lado aberta e livre, e por outro através de um ponto de vista específico.

É o resultado desse trabalho que iremos agora ver. São apresentados nesta sessão, para além dos seis filmes portugueses, três filmes de participantes de outros países (Espanha, França e Brasil), com as mesmas regras do jogo.

Os resultados deste trabalho de crianças e jovens de diferentes idades, culturas e meios sociais, testemunham assim a força do conhecimento que é adquirido e partilhado com estes filmes.

Não mostrar todos os lados das coisas. Margem de indefinido.

*Habituar o público a adivinhar o todo de que lhe damos só uma parte. Fazer adivinhar.
Dar-lhe essa vontade.*

As ideias, escondê-las, mas de forma a que se encontrem. A mais importante será a mais escondida.

A beleza do teu filme não estará nas imagens (“bilhete-postalismo”) mas no inefável que delas se desprende.

Coisas tomadas mais visíveis, não pela luz, mas pelo novo ângulo pelo qual a olho.

O olho (em geral) é superficial, a orelha profunda e inventiva. O assobio de uma locomotiva imprime em nós a visão de toda uma estação de comboios.

Quanta coisa podemos exprimir com a mão, a cabeça, os ombros! Quantas palavras inúteis e atravancadas desaparecem então! Que economia!

Robert Bresson, *Notas Sobre o Cinematógrafo* (excertos)

Teresa Garcia, Pierre-Marie Goulet

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

OS FILHOS DE LUMIÈRE / CINEMA, 100 ANOS DE JUVENTUDE

13 de Março de 2014

AMIZADE INTENSA | MALDIÇÃO | A VIDA DÁ VOLTAS | UNSPOKEN |
OLHARES CRUZADOS | PREMIERS DIES | O HOMEM DO SACO
| L'APPARITION | NO BANCO DO JARDIM / 2014

Filmes de Escola EB1 Vale da Amoreira (4ºC 9-10 anos) Moita (AMIZADE INTENSA), Escola Carlitos CM2 grupo B São Paulo, Brasil (MALDIÇÃO) Escola EB 2/3 Marquesa de Alorna (Clube Cinema 13-15 anos) Lisboa (A VIDA DÁ VOLTAS), London Nautical School (12-13 anos) Londres, Reino Unido (UNSPOKEN), Escola Secundária Passos Manuel /Clube Cinema (11-16 anos) Lisboa (OLHARES CRUZADOS), Institut Milá Fontanals (12/14 anos) Barcelona, Espanha (PRIMERS DIES) Biblioteca Municipal Abade Correia da Serra /Clube de Cinema (10-15 anos) Serpa (O HOMEM DO SACO), Lycée Jean Jaurés de Montreuil (15/16 anos) Montreuil, França (L'APPARITION), Escola EB 2/3 Nuno Gonçalves (12-15 anos) Lisboa (NO BANCO DO JARDIM).

Cópia: digital, cor, 90 minutos (duração total aproximada).

Sessão organizada em colaboração com Os Filhos de Lumière Associação Cultural e dedicada à apresentação dos filmes finais desenvolvidos por escolas participantes no projecto experimental de educação ao cinema “Cinema, Cem anos de Juventude”, que implica cinematecas, associações e salas de cinema à escala internacional, e é coordenado em Portugal, desde 2006, por Os Filhos de Lumière, em parceria com a Cinemateca. No ano lectivo de 2013/14, foram mais de 1500 as crianças e adolescentes de oito países, a realizar filmes a partir do mote “mettre en scène”. Nesta sessão são apresentados filmes realizados em Portugal (por escolas da Moita, Lisboa e Serpa) e uma selecção de filmes de outros países (França, Espanha, Reino Unido, Brasil), contando com a presença de muitos dos seus autores e realizadores, cineastas que os acompanharam, professores e parceiros culturais.

PROJECCÃO SEGUIDA DE CONVERSA COM OS PARTICIPANTES NO PROJECTO

“Mettre en scène” (não existe esta palavra em português) é o nome da questão de cinema que no ano lectivo 2012-2013 todos os participantes neste projecto exploraram através das mesmas regras do jogo - em oito diferentes países - através de exercícios filmados ao longo do ano e dos filmes-ensaio que aqui serão apresentados.

É a questão central da realização de um filme que engloba todas as outras que temos vindo a trabalhar ao longo dos últimos sete anos.

Como foi no concreto trabalhar esta questão com os alunos?

Todos os participantes começaram por ver filmes e excertos de filmes para os ajudar a reflectir sobre a forma como diferentes realizadores de diferentes lugares tempos e estilos trabalharam esta questão. Isso levou-os a pensar e a imaginar.

Os participantes desenharam também plantas dos espaços de alguns dos filmes que viram a fim de imaginar como foi pensada e realizada cada cena do filme e quais as escolhas do realizador.

Foi proposto depois que tomassem como ponto de partida um sentimento, uma emoção. Que escolhessem um espaço, um lugar.

Que se perguntassem a si próprios como dispor as personagens nesse lugar em função da situação e do sentimento que queriam transmitir? E como “atacar” essa disposição? (onde colocar a câmara e como filmar?)

Estas diferentes escolhas são feitas praticamente em simultâneo. A organização de todos estes elementos é fruto de uma procura, observação, encontro com um espaço e ideia inicial. Depois eles vão-se organizando e jogando entre si através da experimentação: personagens, lugar, relação entre a figura e o fundo, ângulo e distância da câmara, luz etc. vão-se ajustando e ordenando (um pouco mais á direita, um pouco mais á esquerda, um pouco mais fechado, um pouco mais aberto...) em função de outros elementos também, desconhecidos, inesperados.

É esta pequena experiência de enquadrar e captar o que acontece naquele momento e naquele lugar inscrevendo e organizando de forma intuitiva e pessoal o que foi pensado antes, um dos grandes objectivos do trabalho que os alunos exploram ao longo de todo o ano.

Depois da realização de exercícios individuais filmados ao longo do ano em espaços abertos e espaços fechados, de formas diferentes de mettre en scene com a mesma história e o mesmo espaço (segundo os diferentes pontos de vista) as regras do jogo para os filmes-ensaio colectivos que aqui serão apresentados (de cinco países) foram as seguintes:

Realizar um filme composto por duas cenas filmadas no mesmo local: uma vez com dois personagens e outra com os mesmos dois personagens mais um ou dois outros.

A situação e as questões emocionais serão diferentes nas duas vezes donde uma mise en scene diferente.

Uma das cenas desenrolar-se á num espaço mais fechado, mas as outras cenas do filme deverão desenrolar-se em espaços pelo contrário abertos.

No ano lectivo 2013-2014 trabalha-se e explora-se o Plano-Sequência no cinema e participam actualmente neste projecto 11 países (Portugal, França, Espanha, Itália, Inglaterra, Escócia, Alemanha, Austria, Bélgica, Brasil e República de Cuba).

Em Janeiro de 2014 a associação Os Filhos de Lumière iniciou um novo projecto que integra o Programa PARTIS promovido pela Fundação Calouste Gulbenkian intitulado “O Mundo à Nossa Volta”.

Este projecto integra as oficinas “O Primeiro Olhar” e “Cinema cem anos de Juventude” em Lisboa, Serpa e Moita e tem como objectivo para além do trabalho da oficina propriamente dita o encontro entre os participantes e as diferentes comunidades em que elas decorrem. O encontro e a partilha de experiências serão cada vez mais explorados neste programa tal como a viagem pelos filmes e pelos seus imaginários como algo de vital para o encontro com o mundo, com os outros e consigo próprio.

Teresa Garcia, Pierre-Marie Goulet

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
O CICLO DAS ESTAÇÕES – O PRIMEIRO OLHAR
9 de Fevereiro de 2012

FIM DO VERÃO / 2011

CENTRO DE PROMOÇÃO JUVENIL, 10 minutos.

OUTONO / 2011

ESCOLA SECUNDÁRIA PASSOS MANUEL, 10 minutos.

INVERNO / 2011

ESCOLA SECUNDÁRIA PEDRO NUNES, 10 minutos.

PRIMAVERA / 2011

ESCOLA BÁSICA MARQUESA DE ALORNA, 10 minutos.

Cópia: DVCAM, cor.

NOTA: A introduzir a sessão será apresentada uma pequena mostra de filmes individuais com cerca de 1 minuto, realizados em várias zonas do país no âmbito do Programa Primeiro Olhar entre 2001 e 2009.

Duração total da sessão: aproximadamente 55 minutos.

Projecção seguida de conversa com os participantes do projecto.

Integrado na oficina fundadora da Associação Os Filhos de Lumière - O Primeiro Olhar - O Ciclo das Estações é um projecto de iniciação ao cinema aliado à observação e reflexão sobre os ciclos da natureza, com a realização de quatro filmes (ou um filme em quatro partes) sobre cada estação do ano, que decorreu entre Outubro de 2009 e Fevereiro de 2011. Filmados inteiramente no Jardim Botânico de Lisboa (nosso parceiro neste projecto) ao longo de 4 estações, contaram com a participação de quatro escolas: Escola Secundária Passos Manuel (Outono), Escola Secundária Pedro Nunes (Inverno), Escola Básica Marquesa de Alorna (Primavera) e o Centro de Promoção Juvenil (CPJ) (Verão).

“As estações como etapas de um ciclo de desenvolvimento: nascimento, formação, maturidade, declínio. A sucessão das estações (tal como as fases da lua, os dias e as noites) marcam o ritmo da vida. Um ritmo cíclico num constante recomeço.”

O processo decorreu ao longo de cada estação com cada um dos grupos participantes e começou, de cada vez, com uma visita orientada por Alexandra Escudeiro (coordenadora da extensão pedagógica do Jardim Botânico) através dos espaços e das plantas vindas de vários lados do mundo, entrando pelos cantos e segredos do Jardim, que iria ser a personagem principal de cada um dos filmes.

Os alunos viram filmes curtos passados em florestas, bosques ou jardins onde tiveram pela primeira vez a noção do que era um plano como linguagem e matéria do cinema, do que era a continuidade, o ritmo, o som, na ligação entre os diferentes planos.

Depois de alguns exercícios filmados onde exploraram a câmara, o gravador e a perche, começaram a pensar em pequenas histórias que surgiram através de visitas ao espaço, que lhes permitiram imaginar sem nunca abandonar a personagem principal numa dada fase, o Jardim em cada estação do ano. Se inicialmente se pensou que cada filme poderia ser um pouco documental, rapidamente se tornou evidente que isso o iria tornar demasiado explicativo e que melhor seria que o transfigurassem e que o imaginassem.

Dessa forma tudo se tornou simples e a contemplação ganhou uma grande importância. Ficaram mais atentos à luz, à forma de abordar o espaço, às personagens e aos fundos, aos sons que criavam uma atmosfera mais alegre ou mais assustadora, e foram surgindo os sonhos, as crianças perdidas na floresta, os elementos mágicos.

Apoiados por profissionais de cinema, todos participaram na realização do filme de uma maneira ou de outra: nas equipas de realização, nas equipas de imagem ou de som, equipas de decoração ou de guarda-roupa, equipas de produção, etc.

Este é o momento em que gostaríamos que se fizesse o balanço, que os 4 grupos se encontrassem e falassem da sua experiência, das suas descobertas.

Na primeira parte desta sessão será apresentado um pequeno programa de alguns filmes curtos com cerca de um minuto, realizados desde 2001 em várias regiões de Portugal, onde as questões mais importantes do cinema se colocam desde logo...

A relação com o espaço e com o tempo, com as personagens e com o movimento, com a distância e com o fundo, com a luz e com a cor, com o som directo e com o som ambiente, com o que se mostra e o que se esconde, com a narrativa e com o ritmo, com o real e com a ficção, etc.

O objectivo é que os formandos participantes nestas oficinas descubram o cinema de uma forma sensível procurando e experimentando a sua matéria própria, observando à sua volta, criando e ligando as imagens e os sons, desenvolvendo a sua sensibilidade, imaginação, inteligência, intuição, exigência, rigor, desejo de conhecer, de comunicar, de partilhar.

Teresa Garcia, Pierre-Marie Goulet